

beeckx. Não sem uma breve referência a «uma nova geração de teólogos/as» que, salvaguardando os valores essenciais do matrimónio e da família, do amor e da sexualidade, mas preocupando-se com a sua vivência no novo contexto cultural complexo e tendente à fragmentação de todo o institucional, relativizam a importância das normas rígidas que lhes dizem respeito, evitando apresentar modelos de matrimónio em termos absolutos.

A terceira parte apresenta a Visão Teológico-Pastoral do matrimónio e da família, em oito capítulos, versando respectivamente sobre Matrimónio e família como projecto de Deus; Sacramentalidade do corpo e do amor: acesso antropológico; Vocação dual do amor: acesso dinâmico; O matrimónio como sacramento da aliança: acesso teológico; A consagração conjugal e a sua celebração: acesso litúrgico; A casa e a Igreja doméstica; Fidelidade indissolúvel e fecundidade; A missão familiar e matrimonial.

A edição está enriquecida com uma extensa bibliografia (pp. 495-524), um índice de autores e um índice de temas. E muito bem apresentada, com boa encadernação e sobrecapa. Como é hábito nas edições San Pablo de Madrid.

JORGE COUTINHO

GONZÁLEZ-BALADO, José Luis (ed.), **Benedicto XVI y las familias**, col. «Camminos», San Pablo, Madrid, 2006, 269 p., 210 x 135, ISBN 84-285-2931-0.

José-Luis González-Balado apresenta neste livro o pensamento de Bento XVI sobre o matrimónio e a família, a dignidade do ser humano e o direito à vida. Fá-lo, coligindo discursos do Papa proferidos em diversas circunstâncias, assim como

respostas do Bispo de Roma a perguntas que lhe foram feitas num encontro com sacerdotes e noutro com jovens da sua diocese. O pretexto para a elaboração deste livro foi o V Encontro Mundial das Famílias, que decorreu em Valência, Espanha, de 1 a 9 de Julho de 2006.

O Autor narra pormenorizadamente o que foi a presença de Bento XVI em Valência, nos dias 8 e 9, onde foi presidir ao encerramento do referido Encontro, salientando a preocupação que o Papa teve em prestar homenagem às vítimas da tragédia na linha 1 do Metropolitano daquela cidade, em 3 de Julho de 2006.

Transcreve também, na íntegra, a *Carta dos Direitos da Família*, do pontificado de João Paulo II, e a encíclica *Deus Caritas est*, de Bento XVI, cujo tema, não sendo propriamente familiar, interessa à família.

O primeiro dos documentos de Bento XVI sobre o matrimónio e a família, que neste livro se coligem, é a mensagem que em 6 de Julho de 2005, na sua qualidade de Bispo de Roma, dirigiu a um congresso sobre a família, que tinha sido programado já por João Paulo II. Nela se fala, entre outras coisas, do fundamento antropológico da família, do matrimónio e da família na história da salvação, da estreita colaboração que deve existir entre a Família e a Igreja. Alerta para a ameaça do relativismo e convida a que se preste atenção às vocações para o sacerdócio e para a vida consagrada.

Seguem-se-lhe:

O discurso proferido em 11 de Fevereiro (Dia Mundial do Doente) de 2006, onde reflecte sobre o drama das famílias com doentes mentais;

O discurso que em 30 de Dezembro de 2005 fez no Hospício de Santa Marta, no Vaticano, onde recordou o modelo da família de Nazaré;

O discurso que dirigiu a um grupo de elementos do Partido Popular Europeu,

no qual enumerou princípios que, para a Igreja, são inegociáveis: a protecção da vida em todas as suas etapas, o conhecimento e promoção da estrutura natural da família como união entre um homem e uma mulher baseada no matrimónio, a protecção do direito dos pais a educarem os filhos;

O discurso que proferiu na Quinta-Feira Santa de 2006, onde enalteceu o espírito de serviço; o discurso aos participantes num congresso sobre o genoma humano, em 19 de Novembro de 2005, no qual salientou a dignidade do ser humano e a importância da pastoral da saúde;

O discurso aos participantes num congresso sobre o embrião humano na fase de pré-implantação, em 27 de Fevereiro de 2006, em que falou da sacralidade da vida, inclusive em embrião;

O discurso que em 13 de Maio de 2006 dirigiu aos membros do Pontifício conselho para a Família, considerando esta uma realidade decisiva e insubstituível para o bem comum dos povos;

O discurso que em 11 de Maio do mesmo ano fez aos membros do Instituto de Estudos sobre o Matrimónio e a Família, onde recordou os ensinamentos de João Paulo II sobre o amor humano e falou do matrimónio como comunhão de vida e de amor;

o discurso pronunciado na noite de 8 de Julho de 2006, no V Encontro Internacional das Famílias, em Valência, onde sublinhou que proclamar a verdade integral da família, fundada no casamento como igreja doméstica e santuário de vida, É uma grande responsabilidade de todos.

O livro inclui a homilia aí proferida na Missa do dia 9, na qual o Papa se referiu à família como transmissora da fé, e a alocução no Angelus desse mesmo dia.

González-Balado arquiva também as respostas de Bento XVI a quinze per-

guntas que lhe foram formuladas por sacerdotes da diocese de Roma, durante um encontro que com eles teve no início da Quaresma de 2006. Falou então da opção pela vida; das crianças, dos adolescentes e dos jovens; das pessoas que vivem em solidão. E exprimiu o seu reconhecimento para com as mães por terem dado a vida biológica e ajudarem os filhos a conhecerem Jesus.

Publica igualmente as respostas das perguntas que lhe foram feitas por jovens de diversas paróquias de Roma, em 6 de Abril de 2006, onde também se referiu ao casamento e ao divórcio.

Neste livro fala-se ainda da delicadeza com que Bento XVI discordou de algumas decisões do governo espanhol, no discurso de apresentação de credenciais do embaixador Francisco Vázquez, em 20 de Maio de 2006.

González-Balado não se limita, porém, a apresentar documentos. Faz um balanço muito positivo do que tem sido o pontificado de Joseph Ratzinger, eleito Papa em 19 de Abril de 2005, corrigindo a imagem que dele se tinha criado quando Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Fala dos hábitos de Bento XVI e de como este vive o seu dia-a-dia. Considera-o um papa simples e humilde apesar da sua grande cultura não só teológica mas também científica, que aprecia música clássica e toca piano com mestria. Diz que Bento XVI escreve todos os seus discursos. Assevera que a encíclica *Deus Caritas est* foi totalmente autógrafa, tendo o Papa recorrido, apenas, a tradutores.

Faz preceder os discursos que transcreve de uma introdução que os enquadra devidamente e informa sobre o papado, sobre os últimos papas, sobre o funcionamento da Cúria Romana.

Ao longo do seu trabalho González-Balado insiste em que o Papa é o Bispo de

Roma, cuja catedral é a basílica de S. João de Latrão e não a de S. Pedro.

SILVA ARAÚJO

SILVA, Manuela, e HENRIQUES, Fernanda (coords.), **Teologia e género. Perspectivas, ruídos, novas construções**, Ariadne Editora, Coimbra, 2006, 270 p., 225 x 150, ISBN 972-8838-36-0.

A publicação, em Portugal, em 2003, do livro *Dizer Deus – imagens e linguagens. Os textos da fé na leitura das mulheres*, é representativa da crescente sensibilidade à *Questão da Mulher*, concretizada numa preocupação e movimento de denúncia global da condição feminina na história, nas culturas e nas religiões. O conceito, a planificação e a coordenação deste livro colectivo, que reúne contribuições exclusivamente de mulheres, deveram-se, então, a duas figuras do cenário intelectual e académico português, duas mulheres, que deixavam antever novos futuros passos no esforço de dar visibilidade à labuta – no contexto português e em tempo de silêncio e indiferença – de desconstrução da colagem ancestral de *género menor* à figura da mulher.

Três anos após, sob o impulso das mesmas duas mulheres, sai para as livrarias uma outra obra, que reúne um conjunto de 12 brilhantes contribuições à volta do binómio *Teologia e Género*. A estruturação da obra em 4 partes facilita a harmonização dos 12 contributos, provenientes de *géneros* diferentes – 7 mulheres e 5 homens –, de áreas científicas diversas e representativos de sensibilidades também diversas. Resulta uma obra com picos de excelência nas sustentadas chaves hermenêuticas, na polifonia literária, na fecundidade das análises e na mundividência perspectivada.

O leitor pode sentir-se desencorajado diante do denso prefácio, que bem poderia constituir mais um contributo – masculino – no corpo da obra. Prefácio ou posfácio, cabe ao leitor ajuizar e para isso deverá passar por ele. Indispensável é a apresentação da obra, feita pelas duas coordenadoras. Catorze páginas, de estilo marcadamente pedagógico, põem em evidência, com elegância e rigor, «as ideias-chave» de cada texto, permitindo, assim, uma «antevisão» dos conteúdos.

Pena é que a categoria *Género* seja avançada sem particular explicitação semântica e sem uma breve história do conceito em registo feminista. Pena é também que, articulado em conjunção com a Teologia, seja dada saliência ao «ruído» de fundo que faz ecoar a ideia de um «alheamento» da Teologia e de um «insuportável silêncio de algumas e de alguns» sobre as *questões de género* no espaço teológico actual. *Alheamento* supostamente fundamentado na quarta e última parte com dois elementos. Um primeiro elemento está implícito na redução drástica das contribuições: parte I – *Enquadramento geral*: dois textos; parte II – *Perspectivas hermenêuticas*: cinco textos; parte III – *Ruídos e novas construções*: quatro textos; parte IV – *Teologia e Género em Portugal. Contributos para um balanço*: um texto. O segundo elemento de fundamentação do *alheamento* da Teologia assenta em dados empíricos colhidos na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa: «No âmbito das licenciaturas em Teologia (T) e em Ciências Religiosas (CR), entre 1990 e 2004, realizaram o seu trabalho final, em Lisboa, Porto e Braga, 117 pessoas do sexo feminino (58 em T e 59 em CR). De todos estes textos nenhum trata da temática de género no quadro da sua problemática, nem configura um tema que seja claramente adstrito a esse campo problemático» (p. 262).